



MULHERES & RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA

Cecília Rosa Prado

cartilha produzida pelas alunas e pelos alunos do Infes/UFF

Esta cartilha foi criada para a disciplina de **Tópicos Especiais de Filosofia I (2019.1): Mulheres e Agroecologia** do curso de Educação do Campo do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior - Universidade Federal Fluminense.

aluno

- José Renato Gonçalves da Silva

coordenador

- Fabio A. G. Oliveira

bibliografia

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04072008-141411/publico/DISSERTACAO_CLAUDIA_DELBONI.pdf (acesso 03/06/2019).

arte: Denis Duarte

2019

Cecília Rosa Prado, nascida em 1944 na Bahia, conheceu a “modernização” da agricultura brasileira que dispensou muitos trabalhadores, que foram submetidos a intensa exploração para que pudessem permanecer como camponese.

Durante a infância, dona Cecília, como é conhecida, não teve acesso à escola e sua vida se resumia ao trabalho e à enxada. Ela não pôde frequentar a escola porque seu pai não autorizava que ela estudasse.

“Nós não passamos
necessidade de
nada, só que a gente
trabalhava muito
e não tínhamos
liberdade. Hoje você
trabalha, você tem a
liberdade de passear,
ali não, era na enxada,
na roça. Eu sofri muito.

Eu trabalhei na roça,
bem dizer, desde os
doze anos até agora.
Não tive uma infância
bela, sorridente, não.”

Filha de camponês, dona Cecília e sua família sempre trabalharam nas terras dos outros e em 1950 ela iniciou seu **percurso migratório** vindo para São Paulo.

Na Zona Rural viveu sua adolescência dedicando-se a **vida agrária**, com diversos cultivos agrícolas. Uma época em que ela não se lembrava de fome, mas da comida com fartura e conquistada com o **trabalho e muito suor**.





Em 1964, a família de dona Cecília deixou São Paulo e se estabeleceu no estado do Paraná para trabalhar na **lavoura de café**.

Logo após se instalarem na cidade, seu esposo trabalhou como pedreiro e ela **cuidando da casa**.

Neste período, perderam uma filha com seis anos de idade, pouco depois nasceu sua filha mais nova.

Com o tempo, foram tentar a vida em Londrina, pois lá havia mais oferta de trabalho.

Logo as demandas de trabalho foram diminuindo e o salário tornou-se insuficiente frente às necessidades da família. Dona Cecília passou a trabalhar como costureira para manter a sobrevivência da família.

Com o passar do tempo, seu esposo decidiu partir sozinho para Campinas, deixando a família no Paraná e retornando de vez em quando para trazer dinheiro para a família.

Ao tomar a decisão de migrar para Campinas, dona Cecília quebra então o **ciclo de obediência** que até então desempenhava na família, tendo obedecido ao pai, ao irmão e depois ao seu marido.

Ela não esperou ele retornar, vendeu todos os móveis, até máquina de costura que tinha sido o ganha pão da família, e mudou-se apenas com as malas para seguir a vida **lutando pela sobrevivência** de sua família e pela terra.





LEA

Laboratório de Ética Ambiental e Animal

